SEC-39592
-J.745-

Sr. Mario Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

"Ide por todo mundo, pregai o Evangelho A TODA CREATURA". Marcos 16-15.

"Fazei pois oração pelo resto que se acha" 2 Reis 19,4.

O ÍNDIO DO BRASIL

REDATOR RESPONSAVEL
DINIZ COSTA

RUA DR. MALCHER, 253
Assinatura Anual Cr$ 2,00

BELÉM PARÁ

Órgão no Brasil da Missão Pró Evangelização Mundial
Registrado de acordo com as leis da Imprensa

No. 46 | ABRIL — JUNHO — 1946 | ANO XII

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Os Indios Deram Base Ao Carater Nacional

E, como Gonçalves Dias, chegariamos á conclusão que «os indios foram o instrumento do quanto aqui se praticou de útil e grandioso; e são o principio de tôdas as nossas coisas; os que deram a base para o nosso caráter nacional.»

Nesse trecho lapidar, o grande poeta e cientista brasileiro sintetisou o papel do indio em nossa evolução e na historia do Brasil, não propriamente pela ação de sua individualidade pura, mas pelo conjunto de qualidades com que entrou para a caldeação do povo que aquí se veio formando e praticou as coisas tôdas que deram em resultado ser o Brasil o que é.

De fato, Portugal, pobre de gente e esgotado de recursos, no século XVI, não podia, por si só, conquistar e ser o fundamento da nacionalidade que aquí surgiu. Quanto á conquista da terra para o domínio português ela é assim resumida pelo insuspeito e bem informado bispo de Elva: a «conquista de Espirito Santo foi devida a Tibiriçá, a da Baía a Tabira, a de Pernambuco a Itagibe e Piragibe, a do Maranhão a Tamagica.»

E todos sabemos que, sem o apôio dos caciques Tibiriçá e Pequerobi, ligados pelo consórcio de suas filhas aos portugueses João Ramalho e Antônio Rodrigues, aquí chegados misteriosamente, a conquista e colonização de São Paulo, consequentemente a do Rio de Janeiro e, por fim, a propria arrancada das bandeiras, teriam sido impossiveis. Pois, segundo a opinião do brilhante acadêmico que vimos citando, «do ponto de vista ténico, foi a intensa mestiçagem com aborigenes, da qual resulta o mameluco predominante nas arrancadas, que proporcionou aquele assombroso êxito das bandeiras.» Isto é, encurtamento de distâncias sociais pela miscegenação. «Os indios forneceram aos portugueses não só os elementos militares indispensaveis á conquista e posse da terra, como as bases econômicas de sua manutenção, porquanto, sem o seu trabalho, sem o seu conhecimento das culturas locais indispensáveis: mandioca, milho, etc., e dos processos a elas adequados; do modo de caçar, de pescar, etc., os ádvenas nada poderiam ter feito. Mas, é preciso assinalar bem que, por mais importante que tudo isso tivesse sido para a formação do Brasil, foi bem pouco, comparado com a contribuição racial e social do povo brasiliano, que se iniciou com o nascimento do primeiro mameluco.» Foi, e é pelo contingente de resistência, bravura, generosidade e pundonor trazido pelo indio á formação do nosso povo, que o consideramos precioso, tanto no passado; como ainda no presente.

(CONTINUA)

COMO FOI COMEMORADO O "DIA DO INDIO" NA IGREJA CRISTÃ

Francamente, não contavamos com o resultado surpreendente que tivemos ao comemorarmos o «Dia do Indio», a 19 de Abril, na Igreja Cristã desta cidade, dada a exiguidade do tempo que nos restava para preparar o programa que estava a cargo de nossa irmã D. Carmelita Costa. O estado de saúde desta nossa irmã deixou-nos sobremaneira esmorecidos, isto já nos dias aproximados a festa, mas Deus, como sempre, tem as Suas surprezas e as Suas maravilhosas manifestações. Oito dias antes a referida irmã pôde levantar-se, e iniciando os primeiros ensaios em sua propria residencia, devido o tempo invernoso, conseguiu os sucessos inesperados que se verificaram.

Foi uma verdadeira benção de Deus. Confessamos agora que estavamos desconfiados de um fiásco Com muita verdade e precisão diz a Palavra de Deus: «Não é do homem o caminhar, nem do homem que caminha o dirigir seus passos.»

As 7,30 da noite daquele dia, o salão de cultos da Igreja Cristã achava-se de tal maneira repleto de amigos que nos visitaram, a ponto de talvês a quarta parte ficar de pé por falta de bancos e logar no recinto, tendo uma parte ficado no corredor e no jardim. O ambiente todo espiritual demonstrava plenamente que Deus estava ali em Espirito dirigindo o Seu povo, pois até mesmo as crianças que por natureza são irrequietas, portaram-se de modos a só merecer dignos encomios.

Iniciados os trabalhos o Rev. Henry Heath, secretario da Missão Pro-Evangelisação Mundial no Brasil e

pastor da Igreja Cristã, usando da palavra expôs ligeiramente a finalidade daquela reunião, para a qual havia convocado todas as igrejas evangelicas locais. Em primeiro logar tivemos o prazer de ouvir a palavra do nosso já conhecido irmão Rev. Joaquim Mesquita, pastor da igreja do bairro da Pedreira, que, estribado nas Santas Escrituras, mostrou a «diferença entre o justo e o injusto, entre o homem que serve a Deus e o que não serve.» Terminada que foi a sua oração, fez-se ouvir o pastor da 1.ª Igreja Batista, Rev. P. Sullivan, que em brilhante improviso focalisou a grandeza da cruzada que a Missão Pro-Evangelisação Mundial tomou sobre si, e o papel saliente que esta tem desempenhado entre os nossos irmãos selvicolas perdidos no recésso das matas bravias, longe das leis e distantes de Deus, os quais, muito embora nascidos e creados neste grandioso pais, «não são considerados» (no dizer do orador) «cidadãos brasileiros». Depois de apreciar os trabalhos feitos pelos nossos missionarios entre os indios, referiu-se, em breves palavras ao nosso irmão Rev. Leonard Harris, ora na Inglaterra, como um pioneiro e visionario dessa cruzada e orientador incansavel dessa grandiosa obra. Terminada que foi a parte oratoria — pois somente dois representantes de igrejas estavam presentes, — passou-se á parte recreativa.

Foram ouvidos diversos poêmas pela mocidade da igreja, e outros numeros bem elaborados. Concluiu a festa a bem ensaiada comedia «SALVA PARA SERVIR», em que se fez salientar uma turma de criancinhas vestidas de indio que na propria lingua (tupí), entoaram um hino a Deus, ao mesmo tempo que suplicavam auxilio para sairem das trevas do pecado. Assim terminou a festa ás 9,15, com uma oração.

Á nossa irmã Carmelita Costa os nossos mais sinceros e justos agradecimentos pelo seu esforço e dedicação com que trabalhou afim de que a festa do «Dia do Indio» — menina dos olhos do nosso irmão Leonard Harris — não passasse da simplicidade ao anonimo; e, á mocidade os nossos parabens pela sua atuação impecavel no programa. Tambem ficamos gratos aos nossos irmãos de outras igrejas e demais amigos que se dignaram honrar-nos com as suas valiosas presenças. A todos pois, os nossos agradecimentos.

NÓS E OS SELVAGENS

Por *DINIZ COSTA*

Muita gente que não conhece a vida e os costumes dos selvagens os coloca num plano infinitamente inferior na escala antropologica. De fato o seu *modus vivendis* não tem a beleza e nem os atrativos que o ambiente citadino nos oferece, isto falando das coisas julgadas beneficas que a psêuda-civilisação arrasta após sí. Mas, entrando no verdadeiro terreno do bom-senso, da moral, da razão, verificamos exatamente ao contrario do que pensamos e dizemos. É comum quando queremos apresentar um tipo de baixeza e ignorancia sem limites, apressarmo-nos em apontar o pobre indio como o bóde expiatorio da maioria das faltas que somos nós os unicos que as cometemos.

O indigena olhado por um prisma consciencioso, merece menos repulsa e censura do que auxilio e compaixão. Ele representa, aos meus olhos, o lampêjo de uma geração nobre que os seculos sepultaram e sobre cujas cinzas deviamos nos curvar reverentes e orgulhosos.

Quando nos meios civilisados conhecemos alguem que possue lábias e modos persuasivos para iludir e convencer a aceitar o máu por bom, estamos prontos a gritar que esse alguem é um elemento aproveitavel, ativo, com grande pratica comercial; se é conversador, disfarçado, paroleiro, ludibriador, o chamamos logo de inteligencia aguda; se pela pratica adquirida nos meios mercenarios tem a facilidade de fugir ás responsabilidades e compromissos assumidos, então é um homem de planos, é um visionario; se porventura tem o dom da palavra, — embora não possúa nenhum lastro intelectual — é uma inteligencia precóce, preparado, competente; se ainda, tem uma vida reservada, não se imiscuindo em politica, aparentando santidade — embora interiormente seja um sepulcro —, mesmo que não seja religioso, ah! sim, então é um «santo homem». Este é o prisma do mundo civilisado, onde o homem é examinado através do meio, da posição social, da roupagem e do estado financeiro. O pobre indio, coitado, é visto do avêsso. Este mostra, sem querer, francamente, o que possue, — o bom e o ruim. O civilisado é ao contrario — oculta o que ele proprio reconhece ser pernicioso, mas que no entretanto tem prazer em praticar.

Não podemos negar que a infiltração de civilisados inescrupulosos no meio dos selvagens tem causado 200 por cento de prejuizo á raça. Aqueles, como é costume, levam ao indio o fumo, o jogo, o alcool e muitos outros vicios de que a civilisação está eivada. O indio no seu estado de ignorancia já é indolente por natureza e depravado ao extremo, e, em vez de receber por intermedio desses aventureiros as bases de uma moral educativa, tem a infelicidade de descer mais alguns degráus da sua já degradante e miseravel vida. Sem cultura, sem inteligencia, sem o temor verdadeiro do Verdadeiro Deus ministrado por pastores ou guias sinceros e leais, encontra com facilidade campo aberto a expandir os delirios infrênes da carne pecaminosa.

A quem cabe essa responsabilidade? Ao indio? Ás autoridades? Aos catequistas? NÃO. Aos ladrões, aos mercenarios de que Cristo falou e frisou, lembrando-se sem duvida dos dias obscuros e dificeis que estamos atravessando.

Não podemos e nem devemos comparar coisas diferentes; só se comparam coisas semelhantes. Não é possivel fazer um paralelo da vida das abelhas com a dos ruminantes. Mas, fazendo uma exceção á regra, estabeleçamos um nivel entre o selvagem e o civilisado, uma vez que ambos pertencem á classe do *Homo Sapiens*, e veremos que este está muito aquém do filho das selvas.

Ei-lo:—

Quem tem feito tranzações com os indios sabe perfeitamente que o indio compra fiado e no dia marcado vem trazer o seu genero em pagamento, enquanto que o civilisado contrái dividas já com o plano antecipado de não mais voltar ou pagar; o indio empenha a sua palavra e a cumpre, quanto o civilisado firma os mais sérios compromissos e na hora «H» apresenta desculpas graciosas por carta ou pelo telefone; o indio, embora viva amancebado, respeita a casa e a familia de seu companheiro; mas o civilisado somente em raras excepções. Em muitos dos casos, este, protéje o chefe da familia com o plano maquiavélico de prostituir-lhe a filha ou roubar-lhe a esposa; o indio despreza os faustos da cidade unicamente pelo acendrado amôr á terra que o viu nascer; o civilisado ao contrario, vende-se ao estrangeiro para trair a sua propria patria e vê-la escravisada, contanto que tenha dinheiro á folga para beber e gosar; o indio comete muitas faltas e crimes contrarios ás nossas leis por inteira ignorancia as mesmas, enquanto que o civilisado, convito delas, as calca aos pés acintosamente em desrespeito a propria Bandeira; o indio ao toque do «trocano» (instrumento guerreiro) na casa do «Tuchaua», abandona todo o seu trabalho e, reunindo mulher e filhos, comparece imediatamente com prazer e orgulho ao chamado para a batalha; o civilisado, conhecedor das leis, embrenha-se covardemente nas matas fugindo ao apêlo da Patria.

Se hoje o indio comete muita coisa contraria a tradição da tribu, não é por um exemplo entre os seus pares, mas porque adquiriu-a em contacto com o civilisado.

Faltaria-nos tempo e espaço para mencionar outras tantas vantagens morais em que o indio nos supéra; mas por enquanto ficaremos por aqui.

E, ainda nos orgulhamos quando nos mesmos nos chamamos de civilisados e julgamos ser alguma coisa perante Deus porque vivemos na cidade, neste antro de perdição onde se respira um ar quasi artificial impregnado do perfume baço da prostituição, dos vicios e do depauperamento moral, onde a cabeça implora

Pt. Mário Yp
Manaus

um destino e o espirito mendiga um repouso.

Unamo-nos pois em auferir do indio o que ele possúe de util, e o ajudemos a sepultar no esquecimento o que ele pela ignorancia temcometido, por que assim fazendo estaremos cooperando com Deus e prestando um valioso serviço á Patria.

Evangelisar os indios não é somente livra-los da morte, mas concorrer para a honra e o bom nome deste vasto país que é nosso e que mais do que a nós lhes pertence.

MORTE NA MALOCA

Por *HORACE BANNER*, pioneiro entre os indios

Gritos horriveis, estridentes e penetrantes ressôam pela aldeia. Do grande circulo de casas conflue u'a multidão de cunhãs na direção do tapirí de onde se ouve sinais de pranto. Empurrando os lances de palha, as indias entram, hesitam por um momento, e, levando as mãos aos olhos. desandam em um só tempo, numa gritaria infernal.

Sobre a esteira suja jaz o objeto do seu pranto — um guerreiro doente. Seu corpo está esmaecido e completamente nú. Folhas descoloridas e cipós batidos, jogados numa poça dagua a pouca distancia, indicam os banhos medicinais receitados pelo pajé. Em seguida pintam o corpo do doente com urucú, afim de afugentar o máu espirito que quer arrancar-lhe a alma. A cabeça está reclinada sobre a coxa da irmã que encarecidamente alisa-lhe a fronte e sopra-lhe os olhos já sem brilho. Cada movimento da cabeça faz que os negros cabelos, longos e luzidios varram o chão. O disco de pau que em vida desfigurava-lhe o labio inferior já está abandonado. O orificio onde este era imbutido, enrugado e encolhido descobre as raizes dos dentes e da-lhe o aspecto de um monstro de duas bocas; sua boca torna-se repugnante.

Junto a parede e fincadas na terra, estão duas varas a distancia de dois palmos uma da outra, ligadas por três ou quatro voltas de embira, imitando os degráus de uma escada. É o assento primitivo que a mente selvagem inventou com a idéa de escorar as costas e mitigar o cansaço e desconforto de horas e dias numa esteira rude. Ao redor da cama órdas de môscas zumbem, atraidas pelos montes de lixo, casca de frutas e ossos, inclusive restos de comida dos tempos quando o doente sentia fome. Agora porém o unico apetite que ele sente é de viver.

Chega a ultima fase da vida. A vitima faz um tremendo esforço, e por um momento parece que a morte recúa perante sua força de vontade. Faz um sinal aos parentes que o ajudam levantar-se e amparar-se na cadeira de embira. Firmando as mãos no chão, seus labios palidos abrem-se num supremo esforço de entoar um canto qualquer. As palavras sáem tartamudeadas, quasi ininteligiveis, mas com dificuldade pode-se decifrar ou compreender serem fragmentos de uma canção tradicional usada nas festas. Esgotados os esforços o cantor recai novamente sobre a esteira. A morte impetuosa investe. Mais uma vez gritos horriveis, estridentes e lancinantes rebôam pela aldeia. O indio não resiste. Morre, afinal. As indias ora calmas ora irrequietas aguardam o fim.

Após o ultimo suspiro começa um pandemonio indescritivel. — Lançando mão de um terçado a irmã do morto, inconsolavel, golpea-se na cabeça repetidas vezes, até o sangue confundir-se com suas lagrimas. Chegam outras mulheres que desesperadas, lutam pela posse do terçado. Esta luta não é para que a irmã do morto não se corte mais, e sim para que elas tambem façam o mesmo nos seus proprios corpos. O tumulto é tanto que o cadaver fica salpicado de sangue das carpideiras.

Passados estes momentos de confusão, volta por um pouco de tempo a calma. Logo um parente vai cavar a sepultura. A irmã procura uma tesoura; na falta de tesoura fazem uma navalha de tabóca (bambú), e raspam a cabeça do morto. Depois chega uma india velha, e assentando-se á cabeceira do defunto, canta, numa voz falsête, melancolica, monotona, á guiza de uma ménia, a canção seguinte:

«Jujê corê;
Jujê cam ma me ga pári ré tô buibú nê;
Jujê corê;
Jujê.»

E' a canção do «Jujê», do arco do guerreiro que jamais matará.

Os preparativos para o enterro — como entre os civilisados — variam de acôrdo com as pessôas e as circunstancias. Se por exemplo um «me-uatí», isto é, uma pessôa sem parentes morre em viagem, é provavel que o cadaver se decomponha á beira da estrada ou seja devorado pelos urubús. Quando as epidemias perseguem a maloca, o tuchána pode dar ordem de marchar, abandonando assim pelo caminho, á sua propria sorte, todos os que não podem caminhar. Os mortos ficam nas suas esteiras. As vezes acontece que a rapaziada da Casa dos Guerreiros têm compaixão de um colega «uatí», e fazem o enterro, mesmo que não sejam parentes. Amarram um cipó aos pés do defunto e vão arrastando os restos mortais até junto a cova, que sempre é demais rasa, não se incomodando se a terra que o cobre é suficiente para conter o máu cheiro ou proteger o cadaver contra a voracidade dos urubús.

Os de tipo guerreiro e os de «mecureré» vão ao tumulo sem grande cerimonias. Raspam a cabeça, pintam os pés com uma tinta de urucú muito forte e colocam nos braços e nas pernas uma liga de algodão.

Para as velhas, mãis de familia e para as moças, reservam-se os preparativos mais complicados. — Pregam com leite de seringa penugem de periquito no corpo da defunta, desde o pescoço até ao joelho. Nos ombros amarram penas de arara, dando assim ao cadaver o aspecto de alguma ave fantastica da mitologia antiga.

Quando morre uma criança, a mãi pinta-lhe sobre o corpo figuras com tinta preta. Põe-lhe voltas de contas, ligas de algodão, missangas e azas de penas multicôres, parecendo assim que um pequeno espaço apenas separa os anjinhos das selvas, dos que habitam na mansão celestial.

Enquanto se completam estes preparativos, os colegas do defunto observam seus ritos funéreos no meio da aldeia. Quando é mulher são as cunhãs que se reunem no meio da praça. Sentam-se no chão ao ar livre, e cantam tristes canções, acompanhando a musica lugubre com oscilação dos braços no sentido de subida e descida.

Aproxima-se o momento da partida do cortejo. Levantam-se. Dirigidas por uma velha india marcham em fila ao redor da maloca, sempre cantando, sempre movimentando os braços como em suplica patética a um sêr desconhecido.

Quando morre um tuchána ou outro guerreiro de destaque, os colegas preparam voltas de palha e colocam sobre suas cabeças, ao som de uma marcha solene, igual a que executam quando estão treinando para a guerra. Cantam em voz alta com as fisionomias visivelmente carregadas, depois do que reunem-se em torno dos restos mortais do chefe, dando a um só tempo um tremendo grito, ao mesmo tempo que depositam aos pés do defunto todas as corôas, depois do que dispersam-se, deixando somente os parentes encarregados do enterro

O cadaver é levado para o cemiterio envolto em uma esteira e amarrado a uma vara possante que é carregada por dois homens.

Para fazer a sepultura usam uma vara de regular grossura, tendo uma das pontas chanfradas á guiza de cavador ou ferro de cóva. A cóva é redonda, de circunferencia bastante para o coveiro descer. Muito embora a cóva comece muito pequena, no entanto ao atingir um metro de profundidade, que é a profundidade usado por eles, já está com dois metros. Forram o sepulcro com esteiras e enfeitam com penas. Pronto o sepulcro colocam o defunto sentado com os joêlhos dobrados e o tronco reclinado na parede lateral. Para conseguir do defunto esta posição extravagante, é necessario que o enterro seja feito no mais breve tempo possivel, isto é, antes que o cadaver fique muito endurecido, senão é preciso empregar força consideravel. Junto ao morto ficam as coisas que lhe pertenceram em vida, inclusive ferramentas. Se o morto ainda tem mãi esta coloca ao lado do seu querido filho uma cúia

anga Monteiro
Amazonas

contendo certa quantidade de leite materno. (CONTINUA)

N. R. — Caros irmãos, orêmos pelos indios! Quanta ignorancia! Que Deus nos ajude afim de que possamos levar aos nossos irmãos selvagens a «Verdadeira Luz que alumia em dia perfeito»,—O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Noticias do campo

De Pedreiras - Maranhão

Prezado irmão. Conforme lhe escrevi em principio de Setembro p. p., estava resolvido não mais ser assinante do INDIO DO BRASIL, em vista das minhas constantes mudanças de residencias. Considerando porém, o problema do Indio, e o que é o Indio, estou resolvido a continuar, não somente como assinante do jornal (que ha anos venho sendo), como tambem auxiliar a evangelisação dos indios com os recursos financeiros que Deus me outorgar, uma vez que não tenho vocação para ir ás selvas prégar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. O indio pertence a raça humana, e tendo Deus feito o «homem a Sua imagem e semelhança», é logico que somos devedores tambem aos indios em levar-lhes a mensagem de salvação pela fé em Jesus.

Se Jesus veio para nos salvar, do mesmo modo veio para salva-los; o que precisamos é obedecer o «Ide por todo o mundo pregai o Evangelho a toda a creatura.» Admoestando-nos contra o egoismo e a indiferença, o apostolo S. Paulo assim nos recomenda: «Não atendendo cada um para o que é seu, mas cada qual tambem para o que é dos outros» (Fil. 2:4). É justo que devemos cuidar da salvação dos pobres indios.»

Francisco Assis Gomes

Do Rio Xingú

Pelos nossos irmãos Rev. Roberto Cunningham e sua esposa D. Rose Marie, nos foi comunicado que no dia 2 de Fevereiro do corrente ano, nas aguas do Xingú, quando transponham uma cachoeira em demanda da aldêia, dos indios Caiapós, pereceu afogado o seu filhinho Roberto, de 3 anos de idade, unico filho do casal. Em seguida trancrevemos o telegrama recebido, que por um lamentavel esquecimento deixou de ser publicado em o numero passado do INDIO: — «Nosso filhinho está com Deus, morreu afogado ontem, oito e meia da noite, no primeiro dia da nossa viagem para o alto; embarcamos quatro horas e meia da tarde, ele estava tão alegre e bom; nós jantamos á bordo ás oito horas, iamos viajar até meia noite; á entrada da cachoeira nós o assentamos no soalho da lancha, enquanto tiravamos a bacia dele do saco, olhamos outra vez e não vimos no escuro onde tinha caido, fizemos todo o esforço para acha-lo, mas naquela agua corrente não podiamos, porém estão procurando o corpo. Nesta hora escura de nossa aflição— Deus é o nosso unico consolo. Vê-de como custa a evangelisação dos indios! Deus nos deu e Deus nos tirou, bendito seja o nome do Senhor. (aa) Roberto e Rosemary.» Aos prezados irmãos as nossas mais sentidas condolencias. Irmãos, devemos orar ao Senhor para que Ele conforte estes nossos irmãos que vêm de longe, deixando lar, parentes, amigos e patria, afim de libertar os pobres indios das garras de Satanaz. Graças damos ao Altissimo porque as portas que estavam trancadas devido os impasses da guerra, já foram abertas aos novos missionarios entre os indios.

Do Territorio Federal de Rio Branco

Pelo Rev. Sr. Neill Hawkins, missionario entre os indios Makuchis, nos foi enviada uma relação contendo perto de 2.000 palavras inclusive termos usados por aqueles nossos irmãos selvagens. Esperamos que o nosso referido irmão Hawkins, em breve, estará nos remetendo porções da palavra de Deus naquela lingua, pois é grande o seu esforço em aprende-la convenientemente afim de emprega-la em beneficio dos proprios indios, anunciando-lhes a Palavra de Deus. Orêmos para que isso se processe sem delongas.

Do Rio Paratininga

Rev. e Sra. E. W. Halverson.

«Esta manhã tivemos a grande alegria de assistir o batismo de mais 5 novos convertidos. Um era o primeiro indio Bakairí que teve a coragem de confessar Cristo com tanta ousadia. Durante 11 anos o Evangelho tem sido pregado aqui, e depois de todos estes anos a semear, agradecemos sinceramente a Deus, porque Ele está cumprindo (como sempre) a Sua promessa de que Sua Palavra não volta vazia. Depois do ato do batismo foi celebrada a Santa Ceia. É grande o nosso privilegio em anunciarmos o Evangelho neste interior tão distante, onde somos as unicas testemunhas. Queiram nos ajudar em oração em favor destes que estão necessitando de força e coragem para resistir as perseguições e tentações.

A india Adelia, de quem já escrevemos ha tempos passados, continúa sofrendo intensamente. Seu corpo e sua cabeça até agora ainda estão cobertos por camadas de graves feridas. Não ha melhora nas suas condições fisicas, porém, espiritualmente ela está pouco a pouco se firmando na Verdade, e muitas vezes nós temos ficado admirados de sua alegria, porque depois de ter por muito tempo resistido em aceitar o Salvador Jesus Cristo, teve a coragem de aceita-lo. Muitas cartas daí recebidas nos davam noticias de orações feitas em seu favor. Quando nós lhe dissemos que em nossa cidade muitos irmãos estavam orando por ela, sacudio a cabeça e nos agradeceu com um sorriso desdentado, agradecimento esse que passamos aos que por ela oraram.»

(Trad. do inglês por *DINIZ COSTA*)

VIAJANTES

De passagem por esta capital, deu-nos o prazer de uma visita, no dia 19 de Abril, por ocasião de nossa festinha em comemoração ao «Dia do Indio», a nossa irmã missionaria, professora e enfermeira D. Kate Goldberg, de nacionalidade alemã, que se destina ao Orfanato Indigena de Itacajá, no interior de Goiás, onde vae prestar os seus valiosos serviços aos indios Kráos.

Deixamos de ouvi-la em publico, por nos ter sido a mesma apresentada pelo Rev. Dr. P. Sullivan após a nossa reunião.

As nossas colunas estão franqueadas á distinta irmã para nos dar noticias do trabalho naquele setôr.

Á prezada irmã os nosso votos de feliz viagem.

OFERTAS para o trabalho entre os indios recebidas durante os mezes de Janeiro, Fevereiro e Março.

	Cr$
Snr. Manoel Vasconcelos	10,00
Snr. Joel Moura	10,00
Snr. Josué Lopes	10,00
Snra. Maria Elisa	5,00
Snra. Clotilde Pessoa	5,00
Snr. Leopoldo Pascoal	3,00
Snr. Manoel Dantas	10,00
Snra. Elvira Dantas	2,00
Snr. João Camilo	5,00
Snr. Lindolfo Sena	5,00
Snr. Manoel Bezerra	20,00
Snr. Adolfo Pessoa	20,00
Snr. Anião Pessoa	10,00
Snr. Cristino Silva	2,00
Uma Irmã em Cristo, Cruzeiro, S.Paulo	50,00
Snr. Delfin A. do Prado	10,00
Snr. Jaime Ribeiro dos Santos	5,00
Snr. Luiz Bastos	10,00
Snr. Francisco Assis Gomes	10,00
Snr. Francisco do Livramento	10,00
Snr. Antonio Macedo	5,00
Snr. Pedro Lopes	30,00
Snr. Lindolfo Aranha	20,00
Snr. Walter Goodband	100,00
Snr. João Nunes	5,00
Snr. Joaquim Florentino Gomes	10,00
Snr. José Morais	5,00
Snr. João de Oliveira	14,00
Snra. Edite Barros	15,00
Snra. Gercina Salles da Costa	50,00
Snr. Wilson Pedro de Oliveira	4,00
Snr. Ernesto Thenn de Barros	50,00
Snr. Benedito Mendes	10,00
Snr. Edisio Moreira e Silva	200,00
Snr. Apolinario Corrêa	40,00
Snra Izaltina de Freitas	50,00
Igreja da Barra do Corda, Maranhão	124,00
Soc. Cristã Juvenil da Ig. Evang. de Cruz das Almas	50,00

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM